



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE  
CURSO BACHARELADO EM FARMÁCIA

**DAESE RIBEIRO TORRES**

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PARA DISMENORREIA  
NO POVOADO ESPINHEIRO, REMANSO-BA**

CUITÉ - PB

2024

**DAESE RIBEIRO TORRES**

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PARA DISMENORREIA  
NO POVOADO ESPINHEIRO, REMANSO-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Bacharelado em Farmácia do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cuité, como requisito obrigatório para obtenção do título de bacharel em Farmácia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Júlia Beatriz Pereira de Souza

CUITÉ - PB

2024

T693p Torres, Daese Ribeiro.

Plantas medicinais utilizadas para dismenorreia no povoado Espinheiro, Remanso - BA. / Daese Ribeiro Torres. - Cuité, 2024.  
38 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, 2024.

"Orientação: Profa. Dra. Júlia Beatriz Pereira de Souza".

Referências.

1. Plantas medicinais. 2. Período menstrual. 2. Plantas medicinais - dismenorreia - uso. 3. Medicina popular - saúde da mulher. 4. Tensão pré-menstrual. 5. Plantas medicinais - povoado Espinheiro - Remanso - BA. 6. Centro de Educação e Saúde. I. Souza, Júlia Beatriz Pereira de. II. Título.

CDU 633.88(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
UNIDADE ACADEMICA DE SAUDE - CES  
Sítio Olho D'água da Bica, - Bairro Zona Rural, Cuité/PB, CEP 58175-000  
Telefone: (83) 3372-1900 - Email: uas.ces@setor.ufcg.edu.br

## REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

DAESE RIBEIRO TORRES

### **PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PARA DISMENORREIA NO POVOADO ESPINHEIRO, REMANSO-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Aprovado em: 07/05/2024.

#### BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Júlia Beatriz Pereira de Souza

Orientadora

Profª Drª Igara Oliveira Lima

Avaliadora

Me. Maria da Glória Batista de Azevedo

Avaliadora



Documento assinado eletronicamente por **JULIA BEATRIZ PEREIRA DE SOUZA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 07/05/2024, às 17:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DA GLORIA BATISTA DE AZEVEDO, FARMACEUTICO-HABILITACAO**, em 07/05/2024, às 17:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **IGARA OLIVEIRA LIMA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 07/05/2024, às 20:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **4411390** e o código CRC **49A57F82**.

## RESUMO

A dismenorreia é um dos problemas mais frequentes apresentados por mulheres, e pode ser subsequente à uma tensão pré-menstrual, além de trazer consequências tanto no período menstrual quanto ao longo de toda vida reprodutiva. Algumas plantas medicinais podem ter efeitos benéficos para a saúde da mulher como ajudar a regular a menstruação, aliviar as cólicas, combater os sintomas da menopausa e prevenir doenças ginecológicas. Dessa maneira, o uso de plantas medicinais para alívio dos sintomas aliado aos saberes populares é uma prática terapêutica comum entre as mulheres. Neste contexto, a pesquisa teve por objetivo levantar informações acerca do conhecimento popular adquirido pelas mulheres a respeito da utilização dos vegetais no manejo dos sintomas da dismenorreia. A metodologia correspondeu a um estudo transversal, quali-quantitativo e do tipo descritivo, cujo seguimento amostral foram habitantes do povoado Espinheiro, localizado na zona rural do município de Remanso - BA. Foram coletadas informações por meio da aplicação de questionários com perguntas socioepidemiológicas e sobre o uso de plantas medicinais para tratamento da dismenorreia. A amostra foi composta por 28 mulheres, com idade variando de 21 à 69 anos e faixa etária prevalente entre 41 a 60 anos (50%) e ensino fundamental (50%), 75% eram aposentadas, com renda de até 3 salários-mínimos e até 3 convivas por residência. Todas as entrevistadas relataram o uso de mais de uma planta para alívio dos sintomas da dismenorreia. Foram citadas 29 plantas, com destaque para hortelã (n=19), arruda (n=14), erva cidreira e umburana-de-cheiro (n=12), quitoco e losna (n=10). As folhas foram a parte mais utilizada e o chá a única forma de preparo citada. Dessa forma, observou-se predomínio do uso terapêutico de plantas medicinais para alívio dos sintomas. Cerca de 17,9% das entrevistadas afirmaram fazer uso concomitante com medicamentos sintéticos. Considerando as espécies vegetais como principal opção terapêutica para a condição de dismenorreia, ressalta-se a importância da presente pesquisa, para a conservação e valorização do saber popular e destaca-se a urgência da implementação estratégias de promoção do uso racional de plantas medicinais, conforme previsto na Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

**Palavras-chaves:** Período menstrual. Plantas medicinais. Medicina popular.

## ABSTRACT

Dysmenorrhea is one of the most frequent problems presented by women, and can be caused by premenstrual tension, in addition to having consequences both during the menstrual period and throughout reproductive life. Some medicinal plants can have beneficial effects on women's health, such as helping to regulate menstruation, relieve cramps, combat menopausal symptoms and prevent gynecological diseases. Therefore, the use of medicinal plants to relieve symptoms combined with popular knowledge is a common therapeutic practice among women. In this context, the research aimed to gather information about the popular knowledge acquired by women regarding the use of vegetables in managing the symptoms of dysmenorrhea. The methodology corresponded to a cross-sectional, qualitative-quantitative and descriptive study, whose sample follow-up was inhabitants of the village Espinheiro, located in the rural area of the municipality of Remanso - BA. Information was collected through the application of questionnaires with socio-epidemiological questions and on the use of medicinal plants to treat dysmenorrhea. The sample was composed of 28 women, with ages ranging from 21 to 69 years and a prevalent age group between 41 and 60 years (50%) and primary education (50%), 75% were retired, with income of up to 3 minimum wages. and up to 3 guests per residence. All interviewees reported using more than one plant to relieve dysmenorrhea symptoms. 29 plants were mentioned, with emphasis on mint (n=19), rue (n=14), lemon balm and umburana-de-cheiro (n=12), quitoco and wormwood (n=10). The leaves were the most used part and tea was the only form of preparation mentioned. Thus, there was a predominance of therapeutic use of medicinal plants to alleviate symptoms. Around 17.9% of those interviewed stated that they used synthetic medicines concomitantly. Considering plant species as the main therapeutic option for the dysmenorrhea condition, this research importance is highlighted for the conservation and valorization of popular knowledge and the urgency of implementing strategies to promote the rational use of medicinal plants is highlighted, as per provided for in the National Policy on Medicinal Plants and Phytotherapeutics.

**Keywords:** Menstrual period. Medicinal plants. Folk medicine.

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Nenhuma entrada de sumário foi encontrada.

<b>Tabela 1 - Características socioepidemiológicas das moradoras do povoado Espinheiro localizado da zona rural de Remanso – BA entrevistadas (n=28) .....</b>	<b>21</b>
--	-----------

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Localização do município de Remanso - BA .....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 2 - Percentual de enfermidades apresentadas pelas entrevistadas moradoras do povoado Espinheiro localizado da zona rural de Remanso – BA entrevistadas (n=28).....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 3 – Registro fotográfico das cinco plantas mais citadas para o tratamento de dismenorreia no povoado Espinheiro, Remanso – BA .....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 4 - Partes da planta usadas no manejo da dismenorreia entre as moradoras do povoado Espinheiro, zona rural de Remanso – BA .....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 5 - Origem da indicação de uso de plantas para manejo da dismenorreia entre as moradoras do povoado Espinheiro, zona rural de Remanso – BA .....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 6 - Motivação para o uso de plantas no manejo da dismenorreia entre as moradoras do povoado Espinheiro, zona rural de Remanso – BA .....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 7 - Uso de medicamentos para manejo da dismenorreia entre as moradoras do povoado Espinheiro, zona rural de Remanso – BA .....</b>	<b>30</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

SPM - Síndrome pré-menstrual

TPM - Tensão pré-menstrual

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

OMS - Organização Mundial da Saúde

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

SUS - Sistema Único de Saúde

% - Porcentagem

PI - Piauí

BA - Bahia

HAS - Hipertensão Arterial Sistêmica

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Objetivo geral.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>11</b>
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 Definição e tipos de dismenorrea .....</b>	<b>12</b>
<b>3.2 Síndrome pré-menstrual (SPM) .....</b>	<b>13</b>
<b>3.3 Impacto da TPM na vida das mulheres.....</b>	<b>14</b>
<b>3.4 Plantas medicinais .....</b>	<b>14</b>
<b>3.5 Etnobotânica .....</b>	<b>16</b>
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
<b>4.1 Delineamento do Estudo.....</b>	<b>17</b>
<b>4.2 Local de realização do estudo .....</b>	<b>17</b>
<b>4.3 Caracterização da amostra.....</b>	<b>18</b>
<b>4.4 Coleta de Dados .....</b>	<b>18</b>
<b>4.5 Critérios de inclusão .....</b>	<b>18</b>
<b>4.6 Critérios de exclusão.....</b>	<b>19</b>
<b>4.7 Processamento e análise de dados .....</b>	<b>19</b>
<b>4.8 Aspectos éticos e legais .....</b>	<b>19</b>
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>5.1 Dados socioepidemiológicos das entrevistadas .....</b>	<b>20</b>
<b>5.2 Uso de plantas medicinais para o manejo da dismenorrea.....</b>	<b>22</b>
<b>5.2 Uso de medicamentos para o manejo da dismenorrea .....</b>	<b>28</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>APÊNDICE A</b>	
<b>ANEXO</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a humanidade soube usar com proveito os recursos medicamentosos de certas plantas escolhidas na abundante flora que o cercava como recurso de sanar, prevenindo ou curando, as doenças que surgiam naquela época. No antigo Egito, na Assíria, no Oriente, os eruditos utilizavam as plantas classificadas por eles como medicinais. Além dessas civilizações citadas, é possível verificar que gregos e romanos, também faziam uso dessas práticas puramente empíricas. No século XVIII, idade de ouro dos botânicos, surgiram as grandes classificações das famílias vegetais e no século XIX, os progressos da química levaram às experiências da extração dos princípios ativos das plantas (Costa, 2020).

Populações urbanas e rurais tradicionalmente recorrem ao uso de plantas medicinais para alívio dos mais diversos sintomas. A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos na saúde da mulher desempenha papel fundamental no fortalecimento de exercícios de cuidados femininos, pois existe uma grande diversidade de plantas que podem auxiliar em várias condições biológicas, como os incômodos menstruais até alterações hormonais do organismo (Andrade; Medeiros, 2021).

De acordo com Sanctis *et al.* (2015), a dismenorreia é comumente categorizada em dois tipos. A dismenorreia primária, é definida como menstruação dolorosa com sensação de cólicas na parte inferior do abdômen, muitas vezes acompanhada por outros sintomas, como sudorese, dor de cabeça, náusea, vômito, diarreia e tremores. Todos estes sintomas ocorrem imediatamente antes ou durante a menstruação em mulheres com anatomia pélvica normal. E a dismenorreia secundária é a que decorre de outras condições clínicas, como endometriose (a principal causa), adenomiose, miomas uterinos, doença inflamatória pélvica e tem sintomas e sinais distintos daqueles da dismenorreia primária (Brasil, 2017).

De acordo com Brilhante *et al.* (2010), a síndrome pré-menstrual (SPM) caracteriza-se por um conjunto de sintomas físicos, emocionais e comportamentais, cíclicos e recorrentes que iniciam na semana anterior à menstruação e aliviam com o início do fluxo, sendo um distúrbio altamente prevalente entre as mulheres em idade fértil. Os sintomas variam entre as pessoas, mas incluem inchaço, ganho de peso, fadiga, dores de cabeça e abdominais, alterações de humor, ansiedade e depressão. Além disso, as oscilações hormonais durante o ciclo menstrual podem afetar a qualidade do sono, podendo levar a efeitos negativos na saúde e bem-estar dos indivíduos (Altoé; Mello; Gardin, 2023).

Segundo Martins *et al.* (2005) a etnobotânica analisa e estuda as informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas. Através dela que se mostra o perfil de uma

comunidade e seus usos em relação às plantas, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades, visando extrair informações que possam ser benéficas sobre usos medicinais de plantas.

Logo, sabendo-se da prevalência de casos de dismenorreia, e da utilização de plantas medicinais para o tratamento dos seus sintomas pela comunidade rural, o presente projeto tem o propósito de levantar informações acerca do conhecimento popular adquirido pelas mulheres a respeito da utilização dos vegetais no manejo dos sintomas da dismenorreia no povoado Espinheiro, município de Remanso – BA.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Realizar o levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na dismenorreia no povoado Espinheiro, município de Remanso, estado da Bahia.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Verificar o conhecimento das participantes sobre plantas medicinais para cólicas menstruais;
- identificar as espécies vegetais com indicações para a dismenorreia;
- levantar informações sobre a utilização de plantas medicinais pelas mulheres da comunidade local; e
- investigar o uso de medicamentos para o manejo da dismenorreia na população pesquisada.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Definição e tipos de dismenorrea

Classificada em primária e secundária conforme diagnóstico diferencial apresentado no quadro 1, a dismenorrea, conhecida como cólica menstrual, é um distúrbio que atinge metade da população feminina em idade fértil. Na maioria dos casos são acompanhados de outras manifestações, como cefaleia, inchaço abdominal e dolorimento mamário, esses sintomas podem permanecer por todo o período menstrual (Santos *et al.*, 2023).

**Quadro 1 - Diagnóstico diferencial de dismenorrea primária e secundária**

Diagnóstico diferencial	
Dismenorrea Primária	Dismenorrea Secundária
↓	↓
Início próximo à menarca	Início pouco depois da menarca (por volta dos 25 anos)
Dor pélvica ou abdominal associada ao início da menstruação Duração de 8 a 72h	Possíveis alterações no ponto de início ou intensidade da dor durante a menstruação
Possibilidade de dor nas coxas, costas, cabeça, diarreia, náuseas e vômito	Possível presença de outros sintomas ginecológicos (menorragia, dispareunia)
Exame físico: ausência de ocorrências consideráveis	Exame físico: anormalidade pélvica

**Fonte:** autoria própria, 2023.

A dismenorrea primária, definida como menstruação dolorosa em mulheres com anatomia pélvica normal, geralmente começa durante a adolescência. É caracterizada por cólica pélvica que começa pouco antes ou no início da menstruação e dura de um a três dias. A menstruação marca o início da puberdade feminina e é caracterizada pelo sangramento causado pela descamação do útero quando não há fecundação. É nesse processo de amadurecimento que ocorre o aumento gradual na secreção de determinados hormônios, que começa em torno dos 8 anos de idade. A menarca, nome dado à primeira menstruação, ocorre geralmente entre 11 e 16 anos (French, 2005; Brasil, 2023).

A cólica menstrual é caracterizada por dor no baixo ventre durante a menstruação, e pode vir acompanhada de náusea, diarreia, dor de cabeça e, em alguns casos, até desmaio. A dismenorrea primária atinge entre 50% a 90% das mulheres durante a fase ovulatória, sendo

mais intensa principalmente no primeiro dia do fluxo. Desta forma, cerca de 10% ficam incapazes de realizar suas tarefas do cotidiano. Essa dor menstrual, quando muito forte, pode vir acompanhada por náuseas, vômitos, vertigens e até desmaios. Todas essas manifestações podem melhorar com o passar da idade ou após uma gestação (Brasil, 2009; Martins *et al.*, 2020).

A dor pode ocorrer com a menstruação ou precedê-la em 1 a 3 dias e tende a alcançar a intensidade máxima 24 horas após o início da menstruação e diminuir após 2 a 3 dias. Muitas vezes, pode haver cólica ou dor difusa constante, mas a dor pode ser aguda ou latejante; pode irradiar para as costas ou pernas. Em cerca de 5 a 15% das mulheres com dismenorreia primária, as cólicas são graves o suficiente para interferir nas atividades diárias e podem significar ausência na escola ou no trabalho (Pinkerton, 2023).

Dismenorreia secundária é a que decorre de outras condições clínicas, como endometriose (a principal causa), adenomiose, miomas uterinos, doença inflamatória pélvica e tem sintomas e sinais distintos daqueles da dismenorreia primária (Alves *et al.*, 2016; Brasil, 2017).

### **3.2 Síndrome pré-menstrual (SPM)**

Alguns dias antes da menstruação, a mulher apresenta os primeiros sintomas da tensão pré-menstrual, popularmente conhecida como TPM. Trata-se de uma síndrome causada pela variação hormonal, que acontece durante o período pré-menstrual, especificamente uma alteração iniciada após o período ovulatório. Essa mudança pode interferir no sistema nervoso central, causando uma série de sintomas. Em algumas mulheres, duram dias antes da menstruação, em outras, acompanha o fluxo menstrual, se encerrando com o fim dele. Alguns sintomas de TPM são: cólicas, dor de cabeça, inchaço, dor nas mamas, retenção de líquido, irritabilidade, ansiedade, insônia ou sonolência, dificuldade de concentração, fome exagerada, falta de apetite e até depressão (Brasil, 2023).

O quadro clínico da SPM costuma ser bastante variado, com sintomas que podem se manifestar até 10 dias antes da menstruação. Tais sintomas podem intensificar-se nesse período e desaparecer quase sempre repentinamente, no início do fluxo menstrual. A intensidade dos sintomas também pode ser variável, sendo acentuados em um ciclo e inexistentes no outro (Tamashiro *et al.*, 2017).

Sabe-se que os sintomas da TPM estão relacionados à sensibilidade de cada mulher às mudanças hormonais, potencializados por estresse, problemas emocionais, desequilíbrios da tireoide, toxinas, resistência insulínica, congestão no fígado, uso de álcool, drogas e

medicamentos, juntamente com fatores como dieta e carências nutricionais. Enquetes epidemiológicas mostram que 75% a 80% das mulheres apresentam sintomas durante o período pré-menstrual (Valadares *et al.*, 2006 ; Cassimiro, 2018).

### **3.3 Impacto da TPM na vida das mulheres**

Conforme observado por Moraes (2007), os efeitos da tensão pré-menstrual (TPM) na saúde, na produtividade e nas relações interpessoais das mulheres no ambiente de trabalho podem causar acidentes, erros, absenteísmo (padrão de ausências), cefaleia, depressão, irritabilidade e agressividade, prejudicando o desempenho e a satisfação das trabalhadoras. Logo a TPM representa um fator relevante para a qualidade de vida e o sucesso profissional das mulheres.

Para Santos (2016) a síndrome pré-menstrual difere dos outros problemas de saúde, por não se restringir à relação do indivíduo consigo mesmo, mas por refletir também no relacionamento interpessoal e complexo da sociedade, seja promovendo uma deterioração transitória nos contatos familiares, seja predispondo ao número de incidência de delitos, acidentes e baixa produtividade no trabalho.

De acordo com Cassimiro (2018) os sintomas deste período podem ser incapacitantes de forma tão intensa ao ponto de influenciar negativamente todas as áreas da vida. Há relatos de que algumas mulheres apresentam pensamento suicida ou violento, síndrome do pânico, ansiedade e/ou depressão; muitas vezes confundidos com transtornos emocionais, cujo tratamento aplicado baseia-se em terapias e antipsicóticos.

### **3.4 Plantas medicinais**

O poder curativo das plantas é tão antigo quanto o surgimento da espécie humana e, desde o início, as primeiras civilizações compreenderam que algumas plantas continham substâncias que ao serem utilizadas em doentes apresentavam efeitos benéficos. Ainda hoje, séculos depois, o homem moderno, por meio de procedimentos e tecnologias, vem aperfeiçoando o seu uso, e introduzindo-as em seus cuidados terapêuticos; contudo, ainda há o uso de forma indiscriminada, o que pode significar riscos à saúde (Jardim; Sossae; Ribeiro, 2023).

O Brasil possui uma das mais diversificadas floras do mundo, possibilitando um rico conjunto de plantas medicinais. As populações locais que possuem vivência cotidiana com estes recursos vegetais têm sido ressaltadas como de fundamental importância para o seu manejo e

conservação. Além da grande extensão territorial, tal fato está relacionado com a existência de diferentes situações climáticas, geomorfológicas e de solos, o que resulta na grande variedade de vegetações (Costa; Barbosa; Ming, 2006).

Nesse contexto, as plantas medicinais desempenham um papel fundamental no reconhecimento da fitoterapia como uma abordagem terapêutica integrativa e complementar à saúde. Ao longo do tempo, tornou-se evidente que o uso dessas espécies ganhou destaque principalmente devido à influência da sabedoria popular, à carência econômica e à dificuldade de acesso aos cuidados médicos e farmacêuticos e esse cenário revelou valiosas alternativas para o tratamento de várias condições de saúde (Leão; Guerra Júnior, 2023).

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa, 2022) uma planta é considerada medicinal quando possui substâncias que, quando administradas ao ser humano, podem prevenir, curar ou tratar doenças. O uso de plantas medicinais é a forma de medicina mais antiga da civilização, pois existem registros desde o ano de 2500 a.C. na China (Oliveira; Lucena, 2015).

O uso das plantas como alimento sempre existiu; os homens sempre buscaram retirar da natureza recursos para melhorar sua qualidade de vida. As plantas sempre foram utilizadas como alimento e, aos poucos, como matéria prima para fabricar roupas, ferramentas e outros objetos. É provável que as observações dos aspectos peculiares das plantas, como modificações nas diversas estações do ano, poder de regeneração e outros tenham contribuído decisivamente para o uso dessas plantas em rituais de cura (Braga, 2011).

Uma planta medicinal possui centenas ou milhares de diferentes substâncias que, se usadas corretamente, em conjunto, atuam no organismo para exercer uma função, seja na prevenção, tratamento ou cura de doenças (Brasil, 2022).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), embora a medicina moderna esteja bem desenvolvida na maior parte do mundo, grande parte da população dos países em desenvolvimento depende da medicina tradicional para sua atenção primária, tendo em vista que 80% desta população utilizam práticas tradicionais nos seus cuidados básicos de saúde e 85% destes utilizam plantas ou preparações destas (Brasil, 2006).

Através do decreto presidencial de nº 5.813 de 22 de junho de 2006 foi elaborada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que estabelece diretrizes e linhas prioritárias para o desenvolvimento de ações pelos diversos parceiros em torno de objetivos comuns voltados à garantia do acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos em nosso país, ao desenvolvimento de tecnologias e inovações, assim como ao fortalecimento

das cadeias e dos arranjos produtivos, ao uso sustentável da biodiversidade brasileira e ao desenvolvimento do Complexo Produtivo da Saúde (Brasil, 2006).

### 3.5 Etnobotânica

O termo “etnobotânica”, formalmente designado em 1895 pelo norte americano John William Harshberger, com o intuito de auxiliar na elucidação da posição cultural das tribos indígenas que usam plantas para alimentação, abrigo ou vestuário. A partir de meados do século XX, passou a ser compreendida como estudo das inter-relações entre povos primitivos e plantas, acrescentando-se um componente cultural à sua abordagem devido ao engajamento cada vez maior de profissionais das ciências humanas. Atualmente, a definição da etnobotânica foi ampliada, estendendo o seu campo de investigação para o estudo tanto das populações tradicionais quanto das sociedades urbano-industriais e sociedades rurais não tradicionais, no que concerne ao relacionamento entre populações humanas / ambiente botânico (Albuquerque *et al.*, 2022).

O conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é vasto e é, em muitos casos, o único recurso disponível que a população rural de países em desenvolvimento tem ao seu alcance. As plantas usadas como remédio quase sempre têm posição predominante e significativa nos resultados das investigações etnobotânicas de uma região ou grupo étnico. Contudo, é preocupante o uso indiscriminado que muitas pessoas fazem das plantas medicinais, sem saber do risco, pois muitas destas plantas apresentam toxicidade elevada e precisam ser utilizadas de maneira correta, de preferência com acompanhamento médico (Pasa; Soares; Neto, 2005; Kovalski; Obara, 2013).

No estudo da etnobotânica, o pesquisador procura conhecer a cultura e o dia a dia da comunidade, os conceitos locais de doença/saúde, o modo como a comunidade usa os recursos naturais para a “cura” de seus males, atrair ou afastar animais, construir habitações mais adequadas ao local. Estudos em etnoespécies tornam-se ainda mais necessários em locais onde os conhecimentos tradicionais são constantemente ameaçados, e a questão do estudo e retorno dessas informações, embora antiga, tomou força principalmente diante dos compromissos da sociedade com conservação, uso sustentável e repartição de benefícios derivados da utilização da biodiversidade, em diversos países (Souza, 2021).

Nesse contexto, Prado *et al.* (2019) afirmam que a etnobotânica é útil para compreender a relação dos povos e plantas, facilitando a proposição e implementação de estratégias de melhoria da qualidade de vida e de conservação ambiental.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Delineamento do Estudo

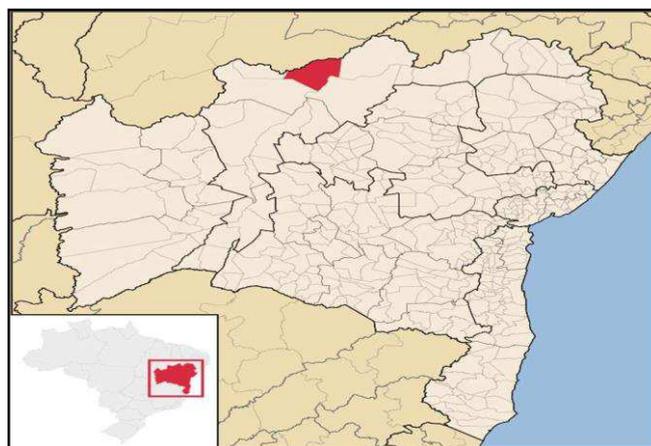
Corresponde a um estudo transversal, quali-quantitativo e do tipo descritivo, cujo seguimento amostral foram habitantes do povoado Espinheiro, localizado na zona rural do município de Remanso/BA e foi realizado no período de fevereiro a abril de 2024.

Para seleção da amostra empregou-se a metodologia “Bola de Neve”. Esse tipo de amostragem é construído da seguinte forma: inicialmente, são identificados documentos e/ou informantes-chave, denominados "sementes". A partir dessas sementes, são localizadas outras pessoas com o perfil necessário para a pesquisa dentro da população em geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (Vinuto, 2014).

### 4.2 Local de realização do estudo

O município de Remanso está localizado na região do interior do estado da Bahia, às margens do Rio São Francisco; engloba uma área da unidade territorial de 4.573,505 km<sup>2</sup> (Figura 1). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo em 2022 o município possuía 40.586 habitantes (IBGE, 2023).

**Figura 1 - Localização do município de Remanso - BA**



Fonte: Google, 2023.

Em 2021, o salário médio mensal era de 1,7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 10,6%; considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, 52,2% da população encontravam-se nessas condições. Seu território é composto 100% pelo bioma caatinga, e as principais atividades econômicas desenvolvidas na cidade, assim como, no povoado Espinheiro é a pesca, pecuária e agricultura (IBGE, 2023).

### **4.3 Caracterização da amostra**

A amostra foi composta por 28 participantes e a pesquisa foi direcionada seguindo a amostragem bola de neve, a partir de informantes chaves, chamadas de sementes, indicando pessoas com as características desejadas, facilitando a coleta de dados e obtendo novas redes de contatos, estreitando assim o quadro de análise, uma vez que atinge um ponto de saturação, no qual não surgem mais novos dados significativos.

### **4.4 Coleta de Dados**

O recurso de coleta de dados foi um questionário, subdividido em 2 partes (Apêndice A). Na primeira parte, foram abordados dados socioepidemiológicos como sexo, idade, escolaridade, renda. Na segunda, informações a respeito do uso plantas medicinais para os sintomas da dismenorreia, como são utilizadas, formas de preparo, indicações, frequência de uso.

O questionário foi aplicado em forma de entrevista, de modo que o pesquisador fez as perguntas aos participantes e registrou as respostas durante a abordagem presencial na sua residência.

O formulário de coleta de dados foi utilizado para levantamento das seguintes variáveis (apêndice A):

- Data de nascimento, escolaridade, renda, ocupação;
- Informações sobre uso de plantas medicinais: frequência de uso; indicação terapêutica; preparo; aquisição de informação.

### **4.5 Critérios de inclusão**

- Ter um mínimo de 18 anos de idade;

- Ser residente do povoado espinheiro, município de Remanso - BA, alfabetizado ou não;
- Aceitar participar voluntariamente do estudo;
- Assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a participação na pesquisa.

#### **4.6 Critérios de exclusão**

- Que após os devidos esclarecimentos sobre o estudo se recusaram em participar;
- Que não compreenderam os objetivos da pesquisa;
- Que não concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

#### **4.7 Processamento e análise de dados**

Os dados foram organizados em um banco digital e processados utilizando o *software Microsoft Excel*. A análise de dados foi realizada por meio da aplicação de estatística descritiva, tendo como base referenciais teóricos da área de estudo de dismenorreia.

Os dados coletados foram tabulados a partir da planta citada correlacionada a todas as variáveis pesquisadas (espécie, nome científico, família, parte utilizada, modo de preparo, indicação de uso). As informações coletadas foram confrontadas com dados da literatura.

#### **4.8 Aspectos éticos e legais**

Este estudo foi realizado levando em consideração os aspectos éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, recomendado pelas resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde. Os entrevistados foram informados quanto à garantia da preservação do anonimato, da privacidade e do livre consentimento, podendo, o mesmo, desistir de participar a qualquer momento. O projeto foi submetido à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.

As informações coletadas são de uso específico para a pesquisa do presente projeto e a identidade dos participantes foi preservada. Os pesquisadores estão cientes de todas as normas impostas pelo Conselho Nacional de Saúde, a respeito de pesquisas envolvendo seres humanos, e comprometem-se a cumpri-las e enviar relatório ao CEP/CES quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Educação e Saúde, da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cuité, conforme parecer nº 6.718.331.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Dados socioepidemiológicos das entrevistadas

Foram realizadas 28 entrevistas, exclusivamente com mulheres residentes no povoado Espinheiro localizado na zona rural de Remanso – BA. A idade das entrevistadas variou de 21 à 69 anos com prevalência da faixa etária entre 41 a 60 anos (n=14), correspondendo a 50% da porcentagem total. Os dados socioepidemiológicos completos estão dispostos na tabela 1.

**Tabela 1 - Características socioepidemiológicos das moradoras do povoado Espinheiro localizado da zona rural de Remanso – BA entrevistadas (n=28)**

<b>Idade</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
20-40 anos	8	28,6
41-60 anos	14	50,0
> 60 anos	6	21,4
<b>Escolaridade</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Não alfabetizada	2	7,1
Ensino fundamental	14	50,0
Ensino médio	6	21,4
Ensino superior	4	14,3
Pós-graduação	2	7,1
<b>Ocupação</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Aposentada	21	75,0
Professora	4	14,3
Agricultora	2	7,1
Estudante	1	3,6
<b>Renda</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Até 1 salário mínimo	21	75
De 1 a 3 salários mínimos	7	25
<b>Nº de Membros na família</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Até 3	21	75
Acima de 3	7	25
<b>Possui plano de saúde privado?</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Não	28	100
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Em estudo semelhante, Farias et al. (2021), entrevistaram 25 mulheres de comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano, cujas idades variaram entre 22 e 62 anos, com prevalência da faixa igual e/ou inferior a 40 anos (64%), o que contrasta com os resultados encontrados na presente pesquisa, onde 71,4% das participantes tinham mais de 41 anos.

Apesar da pequena amostragem na presente pesquisa, a prevalência etária observada condiz com a avaliação do IBGE (2023), que explica uma mudança no formato da pirâmide etária do Brasil que passa a ser visível a partir dos anos 1990 quando perde, claramente, seu

formato piramidal a partir de 2000. Observa-se, ao longo dos anos, uma redução da população jovem, com aumento gradual da população em idade adulta e idosos até 2022, caracterizando uma população adulta e em rápido processo de envelhecimento.

Com relação à escolaridade, a amostra abrangeu desde pessoas não alfabetizadas até aquelas com pós-graduação, ambas representando 7,1%. Entretanto, a maioria das entrevistadas (50%) possuíam apenas o ensino fundamental.

Da mesma forma, em variadas regiões do Brasil, o ensino fundamental incompleto e completo é prevalente, a exemplo de mulheres ribeirinhas do Amazonas entrevistadas por Guedelha *et al.* (2021), das quais 50% apresentavam essa condição, 56% dos moradores da zona rural no Paraná investigados por Carneiro *et al.* (2020), e 59% na comunidade rural de Santa Marta, Corrente-PI, estudada por Carvalho *et al.* (2021). Os dados permitem constatar o baixo índice de escolaridade com prevalência de ensino fundamental incompleto e completo em ambientes rurais semelhantes ao local investigado durante esta pesquisa.

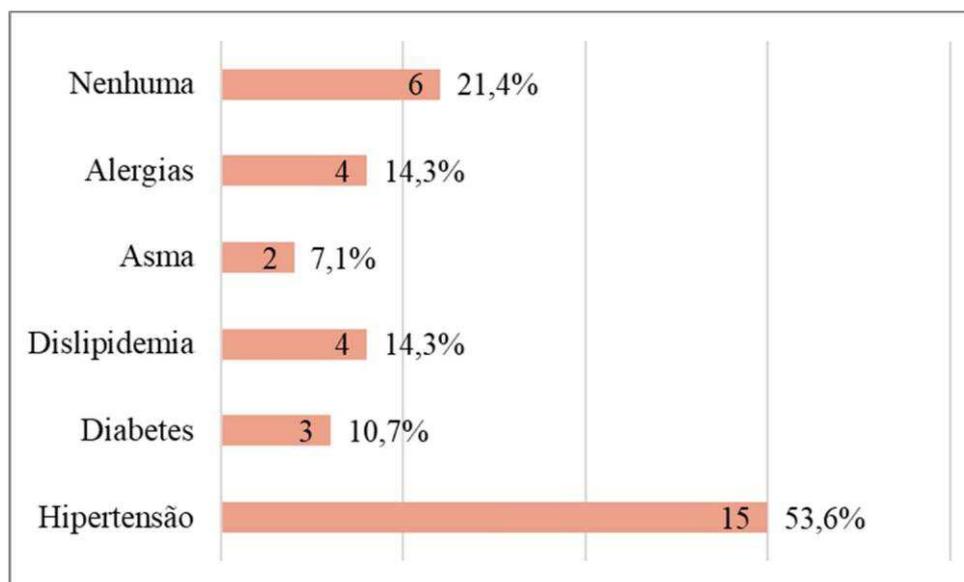
Ao investigar o perfil de uso de plantas medicinais por moradores da zona rural no Paraná, cuja amostra foi composta por 91,21% de mulheres, Carneiro *et al.* (2020), observaram que 58,24% eram agricultores com renda de até dois salários-mínimos (58,24%).

Moreira *et al.* (2021) observaram que 76,3% das mulheres assistidas pela estratégia saúde da família no município de Bom Jesus-PI, investigadas quanto ao uso de plantas medicinais também recebiam até 1 salário-mínimo e na comunidade rural de Santa Marta, Corrente-PI, Carvalho *et al.*, (2021), constataram que cerca de 77,27% eram agricultores e aposentados e que a renda familiar variava de 1 a 2 salários-mínimos, dados que se assemelham ao presente estudo, considerando o ambiente de zona rural.

Richter e Gevehr (2021), ao investigar doenças e situações de vulnerabilidade das mulheres no contexto rural, afirmam que embora existam diferenças nos contextos, muitas das doenças vivenciadas são comuns aos ambientes rural e urbano, porém a acessibilidade e a baixa escolaridade são grandes diferenciais entre as mulheres urbano/rural, o que reafirma a importância da elaboração de estratégias de melhoramento das condições de vida da mulher rural.

Na figura 2 observa-se o percentual de enfermidades apresentadas pelas 28 entrevistadas moradoras do povoado Espinheiro. Hipertensão arterial foi a enfermidade mais prevalente, acometendo 56,3% das entrevistadas (n=15), seguido de nenhuma enfermidade autorreferida (21,4%). Alergias e dislipidemias foram relatados por 14,3% das mulheres, diabetes por 10,7% e 7,1% apresentavam asma.

**Figura 2 - Percentual de enfermidades apresentadas pelas moradoras do povoado Espinheiro localizado da zona rural de Remanso – BA entrevistadas (n=28)**



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

Em uma pesquisa realizada no sentido de analisar a prevalência de hipertensão arterial e fatores de risco em remanescentes de quilombos, Mato Grosso, Brasil, realizado por Santos, Scala e Silva (2015), a prevalência geral de hipertensão arterial na população estudada foi de 52,5%, com predomínio não significativo entre as mulheres (57%) e prevalência significativamente maior na faixa etária de 40 a 59 anos e de 60 anos ou mais.

Araújo *et al.* (2020), destacam a população rural como um grupo vulnerável com 47% de prevalência hipertensão arterial sistêmica. Entre parâmetros abordados, destacou-se a baixa escolaridade e população idosa como possíveis fatores para a alta prevalência de hipertensão; mas, quanto ao sexo, estimou-se equivalência entre homens e mulheres apesar de sutis diferenças nas respectivas regiões brasileiras.

## **5.2 Uso de plantas medicinais para o manejo da dismenorreia**

Foram citadas 29 espécies vegetais, distribuídas em 16 famílias com destaque para Lamiaceae (n=5), Fabaceae (n=5), Asteraceae e Apiaceae (n=3) e Euphorbiaceae (n=2), conforme pode ser observado no quadro 1.

No estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas por moradores de três comunidades rurais do município de Cabaceiras do Paraguaçu/Bahia, realizado por Rodrigues, Brito e Oliveira (2021), a família Lamiaceae também está entre as famílias botânicas mais representativas, seguida de Asteraceae.

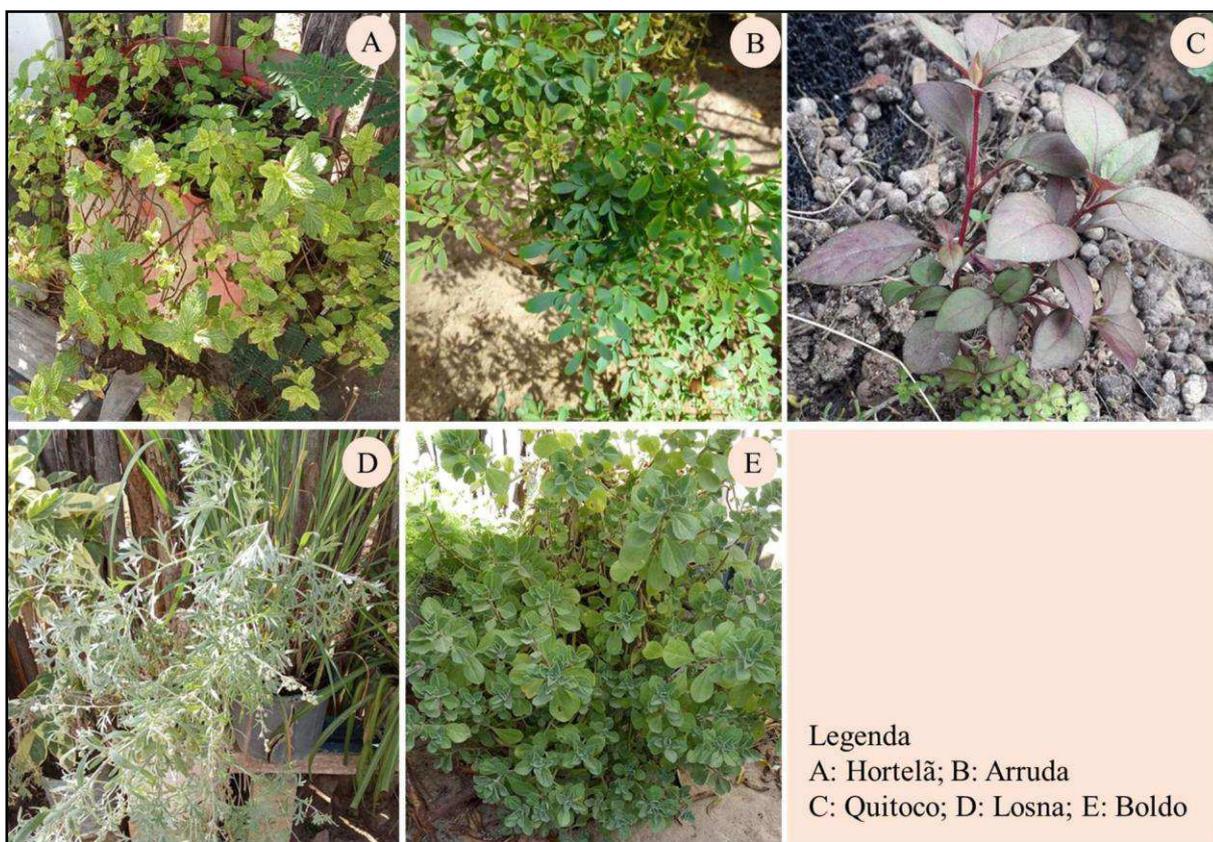
**Quadro 2 - Plantas medicinais mencionadas para o manejo da dismenorreia por moradoras do povoado Espinheiro localizado da zona rural de Remanso – BA entrevistadas (n=29)**

<b>Família/Espécie</b>	<b>Nome Vernacular</b>	<b>Parte usada</b>
<b>Amaranthaceae</b>		
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants (n=6)	Mastruz	Folha
<b>Apiaceae</b>		
<i>Anethum graveolens</i> L. (n=6)	Endro	Semente
<i>Coriandrum sativum</i> L. (n=7)	Coentro	Folha
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill. (n=2)	Erva-doce	Semente
<b>Asphodelaceae</b>		
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f. (n=1)	Babosa	Folha
<b>Asteraceae</b>		
<i>Artemisia absinthium</i> L. (n=10)	Losna	Folha
<i>Artemisia vulgaris</i> L. (n=3)	Artemísia	Folha
<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera (n=10)	Quitoco	Folha
<b>Boraginaceae</b>		
<i>Heliotropium elongatum</i> (Lehm.) I.M.Johnst. (n=2)	Fedegoso	Raíz
<b>Euphorbiaceae</b>		
<i>Cnidocolus quercifolius</i> Pohl. (n=1)	Favela	Casca do caule
<i>Croton conduplicatus</i> Kunth. (n=3)	Quebra-facão	Folha
<b>Fabaceae</b>		
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm. (n=12)	Umburana-de-cheiro	Cascas do caule
<i>Cenostigma nordestinum</i> Gagnon & G.P.Lewis (n=5)	Catingueira	Folha
<i>Hymenaea</i> L. spp. (n=1)	Jatobá	Casca do caule
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir. (n=1)	Jurema	Casca do caule
<b>Lamiaceae</b>		
<i>Hyptis pectinata</i> (L.) Poit. (n=1)	Sambacaitá	Folha
<i>Mentha villosa</i> Huds (n=19)	Hortelã	Folha
<i>Ocimum basilicum</i> L. (n=1)	Manjeriçao	Folha
<i>Rosmarinus officinallis</i> (n=4)	Alecrim	Folha
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr. (n=2)	Sete-dor	Folha
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd. (n=5)	Boldo	Folha
<b>Malvaceae</b>		
<i>Gossypium hirsutum</i> L. (n=1)	Algodoeiro	Folha
<b>Moraceae</b>		
<i>Morus nigra</i> L. (n=1)	Amora	Folha
<b>Myrtaceae</b>		
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M.Perry (n=1)	Cravo-da-índia	Flor
<b>Olacaceae</b>		
<i>Ximenia americana</i> L. (n=2)	Ameixa-do-mato	Casca do caule
<b>Phyllanthaceae</b>		
<i>Phyllanthus</i> L.spp (n=1)	Quebra-pedra	Folha
<b>Rutaceae</b>		
<i>Ruta graveolens</i> L. (n= 14)	Arruda	Folha
<b>Verbenaceae</b>		
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson. (n=12)	Erva-cidreira	Folha
<b>Zingiberaceae</b>		
<i>Zingiber officinale</i> L. (n=1)	Gengibre	Rizoma

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

No presente estudo, a família Lamiaceae foi a mais representativa em número de espécies utilizadas no manejo da dismenorrea, enquanto as espécies mais citadas foram hortelã (*Mentha* sp.), com 19 citações, arruda (*Ruta graveolens*) mencionada 14 vezes, erva cidreira (*Lippia alba*), e umburana-de-cheiro (*Amburana cearensis*), citadas 12 vezes e quitoco (*Pluchea sagittalis*) e losna (*Artemisia absinthium*) com 10 citações. O registro fotográfico das plantas mais citadas encontra-se representado na figura 3.

**Figura 3 – Registro fotográfico das cinco plantas mais citadas para o tratamento de dismenorrea no povoado Espinheiro, Remanso – BA**



**Fonte:** Arquivos da pesquisa, 2024.

A família Lamiaceae possui muitas espécies medicinais, sendo constituída por 7.886 espécies distribuídas em 245 gêneros em regiões tropical e subtropical (Harley *et al.*, 2015). No Brasil a família é representada por 7.203 espécies e 236 gêneros (Stevens, 2018).

As plantas do gênero *Mentha* compreendem aproximadamente 30 espécies e são muito populares no Brasil, sendo muito usadas como analgésico, estomacal, estimulante das funções cardíacas, gastrite, cólicas e gases. Também possuem propriedade broncodilatadora, anti-helmíntica, antimicrobiana, anti-inflamatória e antioxidante comprovada (Arruda, 2016). Vale salientar que a hortelã é contemplada na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais: RENAME.

No estudo de Vásquez, Mendonça e Noda (2014), sobre etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil, a espécie *Ruta graveolens* L. foi considerada para tratamento na comunidade na forma de chás e banhos para diversos sintomas como dor de barriga, cólica, febre, dor de cabeça, aparelho respiratório.

No estudo de Sales, Albuquerque e Cavalcanti (2009) sobre o uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB, atribui-se a *Lippia alba* (Erva-cidreira) as propriedades terapêuticas na redução de dor na barriga, dor de cabeça e febre, considerando o modo de ingestão através de chá.

De acordo com Pereira (2023), as substâncias isoladas da *Amburana cearensis* (umburana) como a cumarina, amburosideo (A e B), ácido vanílico e ácido (z)-o-cumárico glicosilado apresentam diversas atividades farmacológicas como antibacteriana, anti-inflamatória, antioxidante, broncodilatadora e protetora neural.

Lorenzi e Matos (2008), afirmam que há registros sobre o uso de quitoco como peitoral, carminativa e estomacal, sendo utilizada no tratamento caseiro de problemas de digestão, embarços gástricos, flatulências, dispepsias nervosas, gases, inflamações no útero, rins e bexiga, reumatismo, resfriados e bronquite, bem como em casos de histerismo e como estimulante do crescimento capilar.

A *Artemisia absinthium* L. popularmente conhecida como losna é uma planta muito empregada na região, de grande interesse etnofarmacológico que possui ação antiespasmódica, emenagoga, antiemético, auxilia contra problemas de estômago, fígado e possui atividade contra infecções parasitárias (Chagas; Ferraz; Doringon, 2019).

*Coriandrum sativum* L. (Umbelliferae), conhecido popularmente por coentro, é uma planta doméstica cultivada nas diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. As folhas e frutos do coentro são utilizados como condimento em culinária e na medicina popular como analgésica, antirreumática, carminativa e colagoga (Zanusso *et al.*, 2011).

Estudos de ensaio clínico foram realizados no sentido de analisar os efeitos da *Anethum graveolens* L. na busca por evidências em pacientes com diabetes tipo 2, dentre as análises estavam os sintomas gastrointestinais. O distúrbio da motilidade colônica foi o único sintoma gastrointestinal cuja frequência foi significativamente reduzida pela suplementação (P = 0,01). A suplementação de endro em pó pode ser eficaz no controle dos sintomas glicêmicos, lipídicos, do estresse oxidativo e gastrointestinais em pacientes com diabetes tipo 2 (Haidari *et al.*, 2020).

Mastruz, é amplamente utilizado na medicina tradicional para tratar inúmeras doenças, como diabetes, distúrbios digestivos, febre, problemas de fertilidade, distúrbios imunológicos,

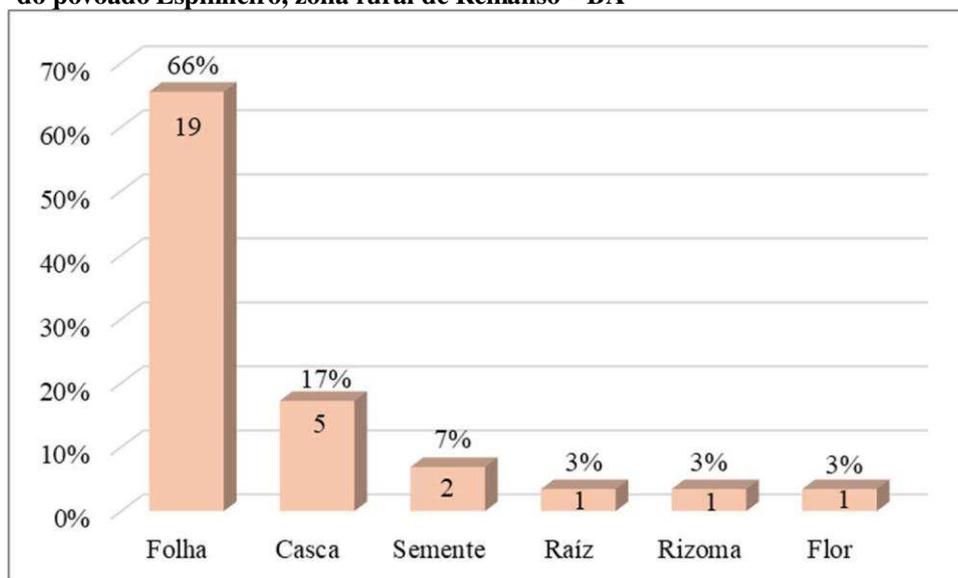
hipertensão, bronquite, problemas respiratórios, faringite, tosse e gripe. Numerosos estudos mencionaram as propriedades farmacológicas de *D. ambrosioides*, incluindo as suas atividades antioxidante, anti-inflamatória, antiparasitária, antiviral, antibacteriana e antifúngica. A caracterização fitoquímica de *D. ambrosioides* revelou a presença de mais de 96 compostos bioativos principais, incluindo terpenoides, polifenóis, flavonoides, alcaloides e ácidos graxos (Kandsi *et al.*, 2023).

O boldo é comumente relatado na literatura como uma planta empregada na fitoterapia principalmente para o tratamento de distúrbios hepáticos e intestinais, atuando também como anti-inflamatório e antiespasmódico (Soares; Freire; Souza, 2015).

Na medicina tradicional o alecrim é utilizado para tratar pequenas feridas, eczemas, dor de cabeça, dispepsia, problemas de circulação, mas também como expectorante, diurético e antiespasmódico nas cólicas renais (Al-Sereiti *et al.*, 1999; Who, 2009; Ulbricht *et al.*, 2010; Begum *et al.*, 2013).

Na figura 3 observa-se o percentual relativo à parte da planta mais utilizada entre as espécies citadas, com 66% para folha, seguido de casca do caule (17%). A totalidade das entrevistadas mencionaram o uso das plantas citadas na forma de chá e as plantas eram obtidas no próprio quintal.

**Figura 4 – Partes da planta usadas no manejo da dismenorreia entre as moradoras do povoado Espinheiro, zona rural de Remanso – BA**



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

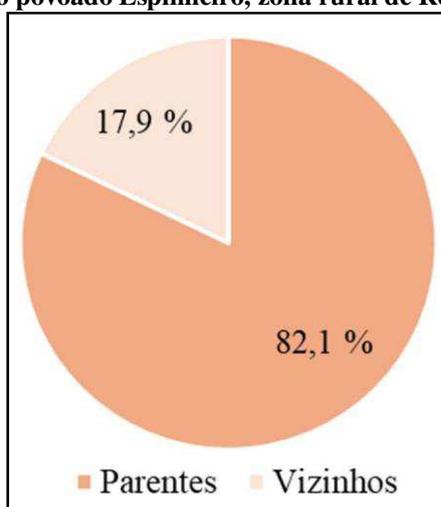
O estudo de Gonçalves e Pasa (2015) realizado na comunidade Sucuri em Cuiabá-MT, também aponta as folhas como sendo a parte mais utilizada com 52% seguido da casca com 20%. Quanto às formas de uso dessas plantas destaca-se o chá com um total de 41%, sendo a

forma de uso mais expressiva. No estudo de Vandesmet *et al.* (2020), moradores de uma área de floresta decídua espinhosa no Ceará, Brasil, apresentaram o uso predominante de folhas com 40,8% das plantas mencionadas.

A folha é largamente utilizada devido a sua facilidade e rapidez de obtenção, além de não provocar danos ao crescimento e desenvolvimento da planta, quando usada no tempo certo e na medida certa de sua coleta, evidenciando entre os informantes o manejo de conservação e a sustentabilidade ambiental local (Gonçalves; Pasa, 2015)

Quando questionados sobre quem indicou o uso das plantas, 82,1% (n=23) responderam que foram parentes e 17,9% (n=5) obtiveram indicação de vizinhos, conforme demonstrado na figura 4.

**Figura 5 – Origem da indicação de uso de plantas para manejo da dismenorrea entre as moradoras do povoado Espinheiro, zona rural de Remanso – BA**

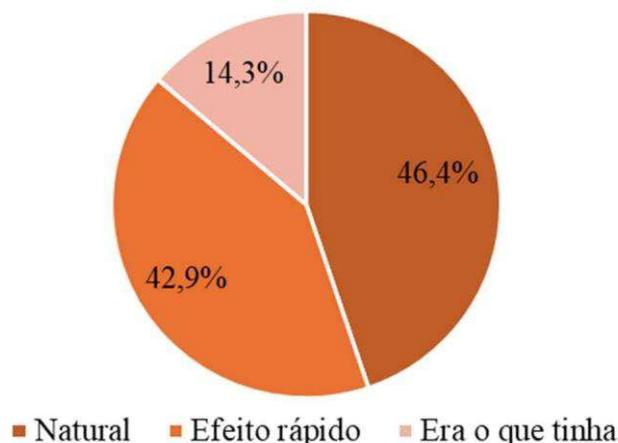


**Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

Silva e Almeida (2020), afirmam que as plantas medicinais são patrimônio cultural, atravessando gerações, tendo a transmissão oral como fonte principal de divulgação desse conhecimento e que as mulheres possuem destaques no cultivo e no preparo das plantas, ao longo da história, sendo as principais guardiãs desse conhecimento.

Na figura 5 pode-se observar os motivos para o uso de plantas no manejo da dismenorrea. Quando questionados, 46,4% (n= 13) justificaram o uso por se tratar de produto natural, 42,9% (n= 12) por apresentar efeito rápido e ainda 14,3% (n= 4) mencionaram que era o que tinha disponível.

**Figura 6 – Motivação para o uso de plantas no manejo da dismenorreia entre as moradoras do povoado Espinheiro, zona rural de Remanso – BA**



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

A utilização de plantas medicinais é de suma relevância, sendo uma importante alternativa, principalmente em locais onde o acesso à assistência à saúde é difícil ou precário (Guedelha *et al.*, 2022).

A fitoterapia na vida da mulher tem função fundamental no fortalecimento da prática de cuidados femininos (Valeriano; Savani; Silva, 2019). A acessibilidade e variedade de plantas disponíveis na comunidade podem auxiliar desde os incômodos com a menstruação até alterações hormonais do organismo como também em outros desconfortos gerais (Oliveira, 2016).

A utilização das plantas medicinais também valoriza o papel da mulher na comunidade uma vez que elas cultivam e repassam o conhecimento adquirido, fortalecendo a cultura e o saber através da transgeracionalidade (Guedelha *et al.*, 2022).

Práticas de autocuidado são importantes para a construção de autonomia e emancipação destas mulheres; seus saberes contribuem para a valorização da biodiversidade natural e dos conhecimentos tradicionais. Os saberes-fazeres acumulados pelas mulheres sobre plantas medicinais significam não só protagonismo e autonomia social, mas ainda a perpetuação de conhecimentos tradicionais e a preservação de recursos naturais, que podem trazer novidades para as políticas públicas de saúde e educação e para uma vida mais sustentável e afetuosa com a natureza (Costa; Marin, 2023).

A importância das plantas e seus efeitos terapêuticos vêm sendo constatados a longo tempo. O conhecimento tradicional é uma ferramenta impulsora na descoberta dessas propriedades medicinais, sendo necessária a sua valorização e reconhecimento, pois mesmo com o desenvolvimento dos fármacos sintéticos, as plantas medicinais permaneceram como

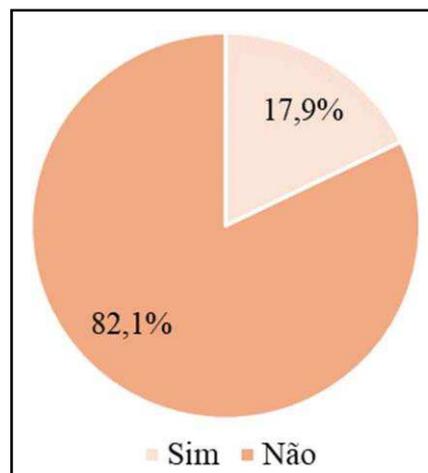
forma alternativa de tratamento no Brasil e no mundo, evidenciando inclusive uma importante opção terapêutica no cuidado à saúde da mulher, uma vez que, no atual contexto político e socioeconômico de nosso país, o gênero feminino, ainda, enfrenta entraves relacionados às práticas integrativas de saúde direcionadas a mulher (Oliveira, 2016).

Inegavelmente, as plantas medicinais têm um papel importante na terapêutica; contudo, a crença que “o que é natural não faz mal” motiva a maioria da população a não as relacionar com a possibilidade de eventos adversos (Gelatti; Oliveira; Colet, 2016). Neste sentido, é válido estimular estratégias de promoção do uso racional de plantas medicinais.

## 5.2 Uso de medicamentos para o manejo da dismenorrea

Com relação aos medicamentos para o manejo da dismenorrea, apenas 17,9% (n=5) das entrevistadas, afirmaram usar (figura 6). Entre os cinco medicamentos mencionados, a formulação correspondente à associação de escopolamina e dipirona (Buscopan®) apresentou cinco das nove citações (55,6%) e os demais medicamentos foram citados apenas uma vez, incluído dipirona e paracetamol, butazona e a associação cloridrato de papaverina, dipirona e extrato de *Atropa beladonna* (Atroveran®) e o uso foi por automedicação em 83,3% das citações (n=5).

**Figura 7 – Uso de medicamentos para manejo da dismenorrea entre as moradoras do povoado Espinheiro, zona rural de Remanso – BA**



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

O tratamento farmacológico da dismenorrea, não modifica o decurso natural da condição clínica e deve ser utilizado com o objetivo de promover a melhora sintomática e o conforto da paciente. Neste sentido, os principais medicamentos isentos de prescrição são os

anti-inflamatórios não esteroidais (ibuprofeno, naproxeno, cetoprofeno); analgésicos (paracetamol); antiespasmódicos (butilbrometo de escopolamina); associações de antiespasmódicos + analgésicos (CFF, 2017).

Da mesma forma, quando questionados sobre o uso de medicamento associado ao uso de plantas, 17,9% (n=5), afirmaram fazer uso concomitante. Entre as associações específicas foram citadas Buscopan® + hortelã (n=2); e uma citação para Buscopan® + losna, Buscopan® + favela, Atroveran® + hortelã.

Apesar de existir uma crença geral do público de que as plantas medicinais são seguras, porque são naturais, Souza *et al.* (2017) e Kirchner *et al.* (2022) descreveram diversas interações entre medicamentos sintéticos e plantas medicinais, muitas com repercussões graves. Reforçando que o uso de plantas medicinais exige cautela a fim de evitar repercussões maléficas.

Ademais, o risco da ocorrência de interações envolvendo plantas medicinais ou fitoterápicos pode ser maior que o de interações entre medicamentos, pois esses normalmente contêm um único fármaco, enquanto as plantas contêm misturas de substâncias farmacologicamente ativas, aumentando a possibilidade de interações (Brasil, 2012). Desta forma, uma planta medicinal em uso concomitante com medicamentos pode atuar sinergicamente, potencializado o efeito, ou de forma antagônica, resultando na diminuição da eficácia e falha terapêutica.

Uma análise geral do presente estudo permitiu observar, em um contexto de sintomas de dor aguda relativa à dismenorreia, e considerando o chá com forma de preparação rápida para uso imediato, realizada pelo próprio usuário, mediante o aquecimento da planta em água por infusão ou decocção, alinhada a obtenção das plantas, principalmente folhas, nos próprios quintais e vizinhança, além da dificuldade de acesso aos medicamentos convencionais, pode-se evidenciar uma realidade em que, para alguns casos, as plantas medicinais ainda são à única estratégia para o enfrentamento dessa condição, por vezes como única opção terapêutica disponível.

## 6 CONCLUSÃO

Essa pesquisa evidenciou o amplo conhecimento que as moradoras do Povoado Espinheiro possuem até os dias atuais, corroborado pelo uso frequente de plantas medicinais. As folhas emergiram como a parte mais utilizada, e o chá foi o método predominante de preparo, especialmente para o manejo da dismenorrea.

Foram citadas 29 espécies vegetais, das quais as mais citadas foram hortelã (*Mentha* sp.), arruda (*Ruta graveolens*), erva cidreira (*Lippia alba*), e umburana-de-cheiro (*Amburana cearensis*), quitoco (*Pluchea sagittalis*) e losna (*Artemisia absinthium*).

Apenas 17,9% das participantes relataram o uso de medicamentos ou plantas associadas a medicamentos para aliviar os sintomas da dismenorrea. Percebeu-se a falta de acompanhamento por parte de profissionais de saúde para oferecer um cuidado direcionado a essas mulheres. Diante dessa constatação, sugere-se a realização de um mapeamento das mulheres jovens e adultas daquele povoado, a fim de implementar formas de cuidado para a dismenorrea, visando melhorar a qualidade de vida desse público.

A partir das informações relatadas sobre a utilização de plantas medicinais para alívio da dismenorrea, foi possível observar que em todas as vezes que foram utilizadas, houve melhora imediata. Portanto, considerando as espécies vegetais como principal opção terapêutica para a condição abordada, ressalta-se a importância da presente pesquisa, para a conservação e valorização do saber popular.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; FERREIRA JÚNIOR, W. S.; RAMOS, M. A.; MEDEIROS, P. M. Introdução à etnobotânica. 3. ed. Rio de Janeiro: **Interciência**, 2022.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MONTEIRO, J. M., RAMOS, M. A.; AMORIN, N. R. C. **A pesquisa Etnobiológica em mercados e feiras livres** Série: Estudos e Avanços. *In:* Albuquerque, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Eds.), Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica, vol.1. Editora: NUPPEA, 2010.
- AL-SEREITI, M. R.; ABU-AMER, K. M.; SEN, P. Pharmacology of rosemary (*Rosmarinus officinalis* Linn.) and its therapeutic potentials. **Indian Journal of Experimental Biology**, 37, 124–30, 1999.
- ALTOÉ, I. L.; MELLO, S. T.; GARDIN, P. F. Desdobramentos da Síndrome Pré-menstrual sobre a Saúde Mental e o Sono: uma revisão sistemática. **Arquivos do Mudi**, v. 27, n. 1, p. 29-41, 2023.
- ALVES, T. P., YAMAGISHI, J. A.; NUNES, J. S.; Júnior, A. T. T.; LIMA, R. R. O. Dismenorreia: diagnóstico e tratamento. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 7, n. 2, p. 1-12, 2016.
- ANDRADE, T. J. A. S.; MEDEIROS, L. C. M. Plantas medicinais e a saúde da mulher. 103 p. Teresina: EDUFPI, 2021. Disponível em: [https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/20463/1/EBOOK\\_PLANTAS-26-01-2021\\_Publicar-ARES.pdf](https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/20463/1/EBOOK_PLANTAS-26-01-2021_Publicar-ARES.pdf). Acesso em: 06 mai de 2024.
- ARAÚJO, G. A.; MENDONÇA NETO, J. N. M.; JULIÃO, K. M.; ALMEIDA, L. L.; AQUINO NETO, R. L.; PAULA, R. M.; PRADO, R. S. Hipertensão arterial sistêmica: um panorama de grupos vulneráveis de diferentes regiões do Brasil no período de 2005 a 2018. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, p. 4098-4106, 2020.
- ARRUDA, M. O. **Atividade antimicrobiana e anti-inflamatória de produtos naturais sobre patógenos respiratórios**. Universidade Federal do Maranhão: tese de doutorado. 113p. 2016.
- BEGUM, A.; SANDHYA, S.; SHAFFATH ALI, S.; VINOD, K. R.; REDDY, S.; BANJI, D. An in-depth review on the medicinal flora *Rosmarinus officinalis* (Lamiaceae). *Acta Scientiarum Polonorum*. **Technologia Alimentaria**, 12, 61–73, 2013.
- BRAGA, C. M. Histórico da utilização de plantas medicinais. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Consórcio Setentrional de Educação a Distância, **Universidade de Brasília**, Universidade Estadual de Goiás, Brasília, 2011.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Orientações sobre o uso de fitoterápicos e plantas medicinais**. 2022.
- BRASIL. Conselho Federal de Farmácia. Guia de prática clínica: sinais e sintomas do aparelho genital feminino. **Brasília: Conselho Federal de Farmácia**, 2017.

BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2022. Remanso: IBGE, 2023.

BRASIL. Ministério da saúde. Biblioteca virtual em saúde. **Cólicas menstruais**. Brasília-DF. Ministério da saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília-DF, 2006.

BRASIL. Ministério da saúde. **Saúde menstrual**. Brasília-DF, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Uso racional de medicamentos: temas selecionados**. Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012

BRILHANTE, A. V. M.; BILHAR, A.P. M.; CARVALHO, C. B.; KARBAGE, S.A.L.; FILHO, E. P. P.; ROCHA, E. S. Síndrome pré-menstrual e síndrome disfórica pré-menstrual: aspectos atuais. **Femina**, p. 373-378, 2010.

CARNEIRO, V. P. P.; GUMY, M. P.; OTÊNIO, J. K.; MENETRIER, J. V.; MEDEIROS, K. A.; BONKOSKI, V. R.; GASPARATTO JUNIOR, A.; ESTEVAN, D. A.; CASTRO, T. E.; LOURENÇO, E. L. B.; VELAQUEZ, L. G.; JACOMASSI, E. Perfil do uso de plantas medicinais por moradores da área rural de um Município do Estado do Paraná. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e5099108710-e5099108710, 2020.

CARVALHO, C. S.; SILVA, M. M.; ABREU, L. P.; GOMES, P. N. Socioeconomic profile and botanical knowledge of medicinal plants in rural community Santa Marta, Corrente-PI. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 71402-71421, 2021.

CASSIMIRO, F. L. Aspectos nutricionais e metabólicos da tensão pré-menstrual. **Centro Universitário de Brasília – UNICEUB**, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Curso de Nutrição, 2018.

CHAGAS, J. C.; FERRAZ, C. V.; DORIGON, E. B. ATIVIDADE ALUCINÓGENA DA *Artemisia absinthium*. **Simpósio em Saúde e Alimentação**, v. 3, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA - CFF. **Guia de prática clínica: sinais e sintomas do aparelho genital feminino: dismenorreia**. (Guias de prática clínica para farmacêuticos, 2) Brasília: 2017.

COSTA, E. A. **Plantas medicinais**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 24 set. 2023.

COSTA, J. A.; MARIN, J. O. B.. Mulheres rurais e plantas medicinais: saberes populares e significados na luta pela terra. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 31, n. 1, p. e2331107-e2331107, 2023.

COSTA, M. A. G.; BARBOSA, J. M.; MING, L. C. A importância da etnobotânica na conservação de plantas medicinais. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 5, n. 3, p. 74–88, 2006.

FARIAS, P. S. FREITAS, R. M. O.; MATIAS, M. I. D. A. S.; NOGUEIRA, N. W.; SOUZA, R. N.; FERNANDES, A. C. O. Plantas medicinais utilizadas por mulheres em comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, p. e328101219916-e328101219916, 2021.

FRENCH, L. Dysmenorrhea. **American family physician**, v. 71, n. 2, p. 285-291, 2005.

GELATTI, G. T.; OLIVEIRA, K. R.; COLET, C. F. Potenciais interações relacionadas ao uso de medicamentos, plantas medicinais e fitoterápicos em mulheres no período do climatério Potential drug interactions in relation with the use, medicine plants and herbal in premenopausal women period. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 8, n. 2, p. 4328-4346, 2016.

GONÇALVES, K. G.; PASA, M. C.. A ETNOCATEGORIA MEDICINAL E A ETNOFARMACOLOGIA NA COMUNIDADE SUCURI EM CUIABÁ-MATO GROSSO. **FLOVET-Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 1, n. 7, 2015.

GUEDELHA, C. S.; RAMOS, S. C. S.; CARNEIRO, A. L. B.; RIBEIRO JUNIOR, O. C.; FELIPE, A. O. B.; COSTA, C. B. A.; ALBARATO, K. V. P.; MARTINS, T. M.; CARNEIRO, P. R. C.; SANTOS, M. L. D. A. Saberes e práticas de mulheres ribeirinhas no climatério: autocuidado, uso de plantas medicinais e sistemas de cuidado em saúde. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e17511326391-e17511326391, 2022.

Haidari, F.; Zakerkish, M.; Borazjani, F.; Angali, K. A.; Foroushani, G. A. Os efeitos da suplementação em pó de *Anethum graveolens* (endro) no estado clínico e metabólico em pacientes com diabetes tipo 2. **Provações**, v. 21, pág. 1-11, 2020.

HARLEY, R.; FRANÇA, F.; SANTOS, E. P.; SANTOS, J. S.; PASTORE, J. F.. **Lamiaceae**. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2015.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico: Panorama**. Remanso: IBGE, 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados** / IBGE, Coordenação Técnica do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JARDIM, L.; SOSSAE, F. C.; RIBEIRO, M. L. Das cavernas ao Sistema Único de Saúde (SUS): importância da inserção e regulamentação das plantas medicinais ao longo do tempo. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, v. 26, n. 1, p. 62-81, 2023.

KANDSI, F.; LAFDIL, F. Z.; HACHLAFI, N. JEDDI, M.; BOUSLAMTI, M.; FADILI, M.; SEDDOQI, S.; GSEYRA, N. *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin e Clemants: unindo conhecimento tradicional, fotoquímica, investigações pré-clínicas e validação toxicológica para a saúde benefícios. **Naunyn Schmiedebergs Arch Pharmacol**. 2024 fevereiro;397(2):969-1001. doi: 10.1007/s00210-023-02658-4. Epub 2023, 8 de agosto.

KIRCHNER, G. A.; PELAQUIN, M. M.; MAGALHÃES, M.; GOUVEIA, N. M. D. Possíveis interações medicamentosas de fitoterápicos e plantas medicinais incluídas na relação nacional de medicamentos essenciais do SUS: revisão sistemática. **Revista Fitos**, 16(1): 93-119 2022.

KOVALSKI, M. L.; OBARA, A. T. O estudo da etnobotânica das plantas medicinais na escola. **Ciência & Educação**, v. 19, n. 04, p. 911-927, 2013.

LEÃO, M. H. L. S.; GUERRA JÚNIOR, J. I. Utilização de plantas medicinais e fitoterápicos no tratamento de pacientes oncológico: uma revisão de literatura. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 12, n. 1, 2023.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª Ed. Instituto Plantarum. São Paulo. 2008.

MARTINS, A. G.; ROSÁRIO, D. L.; BARROS, M. N.; JARDIM, M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, João Pessoa, v. 86, n. 1, p. 21-30, 2005.

MARTINS, N. A.; CUNHA, M. C. F.; CAVALCANTE, M. M. P.; ROCHA, R. R.; SILVA, I. F. Utilização de folder no ensino educativo sobre atuação do farmacêutico na dismenorrea para populações sem instrução na área: relato de experiência. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 1, n. 1, p. 33-33, 2020.

MORAES, L. B. Os impactos da TPM no ambiente de trabalho: um estudo de caso em uma empresa de seguros de Brasília. 2007. 60 f. Monografia (Bacharelado em Administração) – **Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas**, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007.

MOREIRA, K. F. G.; SANTOS, S. L.; MEDEIROS, L. C. M.; LIMA, M. P. D.; MACHADO, B. A. S.; PESSÔA, F. G. S. Plantas medicinais utilizadas por mulheres assistidas pela estratégia saúde da família. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 12, n. 1, p. e27256-e27256, 2021.

OLIVEIRA, A. P. O conhecimento tradicional sobre plantas medicinais no âmbito da saúde da mulher: uma perspectiva no contexto do produto tradicional fitoterápico. **Revista Fitos**, Supl, 1-62, 2016.

OLIVEIRA, D. M. S.; LUCENA, E. M. P. O uso de plantas medicinais por moradores de Quixadá–Ceará. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, p. 407-412, set, 2015.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; NETO, G. G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta botânica brasílica**, v. 19, p. 195-207, 2005.

PEREIRA, D.M. **Uma breve revisão sobre a utilização da Amburana (Amburana Cearensis) como planta medicinal**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Ouricuri, Ouricuri-PE, 17f., 2023.

PINKERTON, V. J. Dismenorrea. **Manual MSD para profissionais**, 2023. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/ginecologia-e-obstetr%C3%ADcia/anormalidades-menstruais/dismenorrea>. Acesso em: 21 out. de 2023.

PRADO, A. C. C.; RANGEL, E. B.; SOUSA, H. C.; MESSIAS, M. C. T. B. Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. **Rodriguésia**, v. 70, 2019.

RICHTER, S. A.; GEVEHR, D. L. Doenças e situações de vulnerabilidade das mulheres no contexto rural: uma revisão integrativa. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 9, n. 1, 2021.

RODRIGUES, E. S.; BRITO, N. M.; OLIVEIRA, V. J. S. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas por alguns moradores de três comunidades rurais do município de Cabaceiras do Paraguaçu/Bahia. **Biodiversidade brasileira**, v. 11, n. 1, 2021.

SALES, G. P. S.; ALBUQUERQUE, H. N.; CAVALCANTI, M. L. F.. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim-Areia-PB. **Revista de biologia e ciências da terra**, n. 1, p. 31-36, 2009.

SANCTIS, V.; SOLIMAN, A.; BERNASCONI, S., BIANCHIN L.; BONA, G.; BOZZOLA, M; BUZI, F.; SANCTIS, C.; TONINI, G.; RIGON, F.; PERISSINOTTO, E. Dismenorreia primária em adolescentes: prevalência, impacto e conhecimento recente. **Revisões de Endocrinologia Pediátrica (PER)** , v. 2, pág. 465-73, 2015.

SANTOS, E. C.; SCALA, L. C. N.; SILVA, A. C. Prevalência de hipertensão arterial e fatores de risco em remanescentes de quilombos, Mato Grosso, Brasil. **Rev Bras Hipertens**, v. 22, n. 3, p. 100-105, 2015.

SANTOS, E. M. L. Prevalência de distúrbios menstruais em estudantes, professoras e funcionárias do departamento de Enfermagem. **Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2016.

SANTOS, N. J.; N., FARIA, G. S.; OLIVEIRA, L. A.; SANTOS, R. J, SANTOS, J. F. M., GONÇALVES, L. S.; SANTOS, R. B.; RIBEIRO, A. A. S. Intervenção fisioterapêutica em mulheres com dismenorreia primária: revisão integrativa de literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 1, p. 386-395, 2023.

SILVA, K. O.; ALMEIDA, S. S.; Uso de plantas medicinais em uma associação rural no semiárido baiano. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, v. 10, n. 1, p. 95-105, 2020.

SOARES, F. P.; FREIRE, N. M.; SOUZA, T. R. Avaliação farmacognóstica e da rotulagem das drogas vegetais boldo-do-chile (*Peumus boldus* Molina) e camomila (*Matricaria recutita* L.) comercializadas em Fortaleza, CE. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, p. 468-472, 2015.

SOUZA, A. C.; MORAES, C. G. D.; GOMES, E. M.; VOLPINI, L. L.; LOPES, T. S. Levantamento etnobotânico com fins medicinais como instrumento de educação na Comunidade Taquarussú, Conceição do Castelo-ES. **Cadernos Camilliani e-ISSN: 2594-9640**, v. 15, n. 3-4, p. 705-721, 2021.

SOUZA, J. B. P.; ATALIBA, F. J. B.; COSTA, D. A.; FARIAS, A. D. Interações planta medicinal x medicamento convencional no tratamento da hipertensão arterial. **Infarma Ciências Farmacêuticas**, 29(2), 90-9. 2017.

STEVENS, P. F.. **Angiosperm Phylogeny Website**. Version 14, July 2017. 2018.

TAMASHIRO, L. A. D.; NAKAD, B. C. T.; RENNÓ, J.; SILVA, A. G.; ROCHA, R.; CANTILINO, A.; VALADARES, G.; RIBEIRO, H. L. Síndrome pré-menstrual e transtorno disfórico pré-menstrual: a terapia cognitiva comportamental como tratamento. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 6, p. 15–22, 2017.

TROTTER, R.T.; LOGAN, M.H. Informant Consensus: **A new approach for identifying potentially effective medicinal plants**. Ed. Bedfore Hills, New York, 91-112. 1986.

ULBRICHT, C.; ABRAMS, T. R.; BRIGHAM, A.; CEURVELS, J.; CLUBB, J.; CURTISS, W.; WINDSOR, R. C. An evidence-based systematic review of rosemary (*Rosmarinus officinalis*) by the Natural Standard Research Collaboration. **Journal of Dietary Supplements**, 7, 351–413, 2010.

VALADARES, G. C.; FERREIRA, L. V.; FILHO, H. C.; SILVA, M. A. R. Transtorno disfórico pré-menstrual revisão: conceito, história, epidemiologia e etiologia. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 33, p. 117-123, 2006.

VALERIANO, F. R.; SAVANI, F. R.; SILVA, M. R. V. O uso de plantas medicinais e o interesse pelo cultivo comunitário por moradores do bairro São Francisco, município de Pitangui, MG. **Interações (Campo Grande)**, v. 20, p. 891-905, 2019.

VANDESMET, L. C.S.; BEZERRA, J. S.; SOUZA, M. M. A.; COELHO, H. K. R. C.; LINHARES, K. V.; MENDONÇAS, A. C. A. M.; OLIVEIRA, A. H.; SILVA, M. A. P. Medicinal plants used by residents of an area of thorny deciduous woodland, Ceará, Brazil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, 2020.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta amazônica**, v. 44, p. 457-472, 2014.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WHO. **WHO Monographs on Selected Medicinal Plants**. Geneva: World Health Organization, vol. 4, p. 456, 2019.

ZANUSSO, J. G.; MELO, J. O.; ROMERO, A. L.; DANTAS, J. A.; CAPARROZ, A. S. M.; BERSANI, A. C. A.; CUMAN, R. K. N. Avaliação da atividade antiinflamatória do coentro (*Coriandrum sativum* L.) em roedores. **Revista Brasileira de plantas medicinais**, v. 13, p. 17-23, 2011.





**B.** Depois do uso da(s) planta(s) melhoraram os sintomas?

Sim  Não  Momentaneamente

**C.** Por que utiliza as plantas medicinais? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

**D.** Com qual frequência faz uso de plantas medicinais? \_\_\_\_\_

**E.** Onde adquiriu as informações sobre as plantas?

Parentes  Vizinhos/amigos  Internet/rede social  Rádio

Televisão  Livros  Profissionais de saúde

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**F.** Faz uso de medicamentos para os sintomas da dismenorreia (cólica) e outros sintomas menstruais?

Sim  Não

**G.** Se sim, quais medicamentos costuma utilizar?

---

---

---

---

---

**H.** Quem fez a indicação do medicamento?

Médico  Farmacêutico  
 Outros profissionais de saúde (enfermeiro, nutricionista)  
 Familiares/vizinhos  Por conta própria

**I.** Faz uso dos medicamentos junto com plantas?

Sim  Não

**J.** Tem alguma associação específica planta + medicamento?

Sim  Não

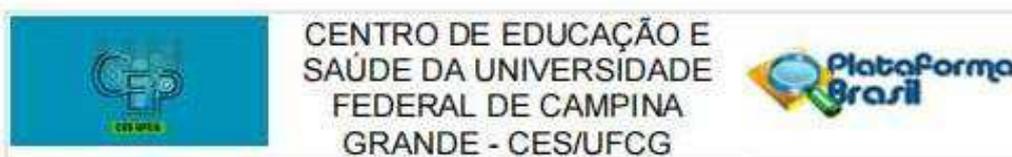
**L.** Se sim, qual? \_\_\_\_\_

---

---

---

## ANEXO - PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Plantas medicinais utilizadas para dismenorreia no povoado Espinheiro, Remanso-BA

**Pesquisador:** JÚLIA BEATRIZ PEREIRA DE SOUZA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 77250523.2.0000.0154

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.718.331

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisadora busca realizar um levantamento de informações acerca do conhecimento popular adquirido pelas mulheres a respeito da utilização dos vegetais no manejo dos sintomas da dismenorreia, um dos problemas mais frequentes apresentados por estas durante o período menstrual, e que pode trazer consequências tanto no dia a dia quanto ao longo de toda sua vida reprodutiva.

A coleta dos dados será realizada no mês de março de 2024. A metodologia corresponderá a um estudo transversal, quali-quantitativo e do tipo descritivo, cujo seguimento amostral serão 30 mulheres habitantes do povoado Espinheiro, localizado na zona rural do município de Remanso - BA, que usam plantas para dismenorreia, as quais serão escolhidas seguindo a abordagem bola de neve, a partir de informantes chave, denominado semente, o qual indicará outro(s) e assim sucessivamente.

Serão coletadas informações por meio da aplicação de questionários com perguntas socioeconômicas, epidemiológicas e sobre o uso de plantas medicinais para tratamento da dismenorreia.

Como critérios de inclusão, a pesquisadora aponta: Ter um mínimo de 18 anos de idade; Ser residente do povoado espinheiro, município de Remanso - BA; Aceitar participar voluntariamente do estudo; Assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando

Endereço: Rua Prof. Maria Anita Furtado Coelho, S/N, Sítio Oito de Água da Bica, Bloco: Central de Laboratórios de  
Bairro: DISTRITO DE MELO CEP: 58.175-000  
UF: PB Município: CUITÉ  
Telefone: (83)3372-1835 E-mail: cep.ces.ufcg@gmail.com



CENTRO DE EDUCAÇÃO E  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE CAMPINA  
GRANDE - CES/UECG



Continuação do Parecer: 6.718.331

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2250565.pdf	15/03/2024 07:19:37		Aceito
Outros	Respostas_de_Pendencias.docx	14/03/2024 17:54:15	Maria da Glória Batista de Azevedo	Aceito
Outros	Instrumento_de_Coleta_de_Dados.docx	14/03/2024 17:53:10	Maria da Glória Batista de Azevedo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/03/2024 17:52:35	Maria da Glória Batista de Azevedo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODAESE_CEP.docx	14/03/2024 17:51:28	Maria da Glória Batista de Azevedo	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	14/03/2024 17:51:08	Maria da Glória Batista de Azevedo	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_dos_pesquisadoresassinado.pdf	02/02/2024 17:38:34	JULIA BEATRIZ PEREIRA DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	01/12/2023 18:41:29	JULIA BEATRIZ PEREIRA DE SOUZA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	28/11/2023 08:36:48	Maria da Glória Batista de Azevedo	Aceito
Outros	Termo_anuencia.pdf	28/11/2023 08:35:22	Maria da Glória Batista de Azevedo	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_dos_pesquisadoresassinado.pdf	21/11/2023 16:26:27	Maria da Glória Batista de Azevedo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CUITE, 22 de Março de 2024

Assinado por:  
MARIA EMÍLIA DA SILVA MENEZES  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Prof. Maria Anita Furtado Coelho, SN, Sítio Olho D'Água da Bica, Bloco: Central de Laboratórios de  
Bairro: DISTRITO DE MELO CEP: 58.175-000  
UF: PB Município: CUITE  
Telefone: (83)3372-1835 E-mail: cep.ces.ufcg@gmail.com